

Assunto **A primeira medida de Bolsonaro**
De Danilo <danilo@estrategiatt.com.br>
Para <danilo@estrategiatt.com.br>
Data 2018-10-29 18:21



TRAUMANN & THOMPSON

ESTRATÉGIA . REPUTAÇÃO . CRISES



A primeira medida de Bolsonaro

A equipe da transição de Jair Bolsonaro já vem conversando com o atual governo para destravar aquela que foi apontada no nosso report anterior como a primeira medida a ser tomada pelo novo presidente. O subsídio de R\$ 0,30 ao litro do óleo diesel vence no fim deste ano e depende de uma decisão pelo seu encerramento, revisão ou suspensão. Na mesa de negociações está uma medida provisória para reduzir o subsídio que custa R\$ 19 bilhões por ano. O incentivo foi criado durante a crise dos caminhoneiros em maio de 2018, como forma de baratear o custo do frete e encerrar a greve.

Uma medida provisória em discussão entre as duas equipes considera uma redução do subsídio, justificada pela conjuntura do mercado. A visão é de que a oscilação do valor do câmbio e do preço do petróleo no mercado internacional reduziram a necessidade de R\$ 0,30 por litro como incentivo.

A redução do subsídio na medida provisória a ser editada ainda pelo governo Michel Temer, porém, não será total. Isso daria um "colchão" ao novo governo, que não terá de ver um choque no preço do diesel logo no seu primeiro dia de gestão, em 1º. de janeiro.

Uma eventual melhora do mercado ao longo da tramitação dessa medida provisória, que deve avançar para o segundo trimestre de 2019, pode levar a uma redução ainda maior do subsídio ou mesmo sua suspensão total no fim do prazo de tramitação do texto.

A redução do subsídio está em linha com promessas de governo de Bolsonaro, vocalizada pelo seu futuro ministro Paulo Guedes, em adotar medidas para reduzir o déficit fiscal no curto prazo.

Biodiesel tem visão positiva

A nova equipe de energia do governo Bolsonaro também vê com bons olhos a diversificação de fontes de geração de combustível. Quando da criação do subsídio ao óleo diesel, houve uma reclamação dos produtores de biodiesel de que apenas o combustível de fonte fóssil havia sido contemplado, prejudicando a competitividade das fontes renováveis.

O projeto de geração a partir de fontes naturais foi uma bandeira bastante difundida no governo do PT e acabou ficando de lado na gestão de Michel Temer. Hoje, o biodiesel compõe a mistura vendida na bomba em 10%, com uma previsão de ampliação dessa participação até 15% nos próximos cinco anos. O setor, porém, tem pleito de ampliar essa parcela no combustível vendido nos postos a até 20% em dez anos.

As nove semanas até a posse

O presidente eleito Jair Bolsonaro vai aprender que ter poder é escolher a quem desagradar. O exercício do poder é uma escolha e toda escolha sempre terá perdedores. O que diferencia o bom do mau político é sua capacidade de desagradar a seus eleitores sem perder sua conexão.

Os dois meses da transição entre a eleição e a posse presidencial parecem eternos. FHC perdeu seis semanas em 1994 tentando convencer, pela ordem, Edmar Bacha, Pêrsio Arida e Pedro Malan a aceitarem o Ministério da Fazenda e o último só topou quando sentiu que a escolha podia recair sobre José Serra. Em 2002, Lula foi aos EUA se encontrar com W. Bush e convidou Henrique Meirelles para o Banco Central. Depois de vencer em 2014, Dilma Rousseff se fechou com Aloizio Mercadante no Palácio Alvorada para montar o ministério, sem fazer uma aparição pública por dois meses. FHC mostrou aos pais do Plano Real que podia buscar alternativas fora do grupo, Lula mostrou-se capaz de ampliar e Dilma escolheu o isolamento. As três características marcaram seus governos.

Nas nove semanas até a posse, o presidente eleito Bolsonaro terá que escolher a quem agradar e a quem desgostar. A primeira pessoa é Paulo Guedes, o anunciado ministro da Economia que foi rebaixado a despachante do coordenador político Onyx Lorenzoni. Ou Guedes aceita ser um ministro de segunda categoria ou enfrenta o presidente eleito antes da posse.

O presidente eleito vai indicar Onyx Lorenzoni como o chefe da equipe de transição que vai despachar no Centro Cultural Banco do Brasil até o Natal. Pela programação, nesta semana Paulo Guedes anuncia os primeiros nomes da sua equipe. A entrevista de Bolsonaro apontando uma inusitada "meta de câmbio" para o Banco Central deve dificultar a indicação nesse setor. O secretário do Tesouro, Mansueto Almeida, e o secretário Especial do Ministério da Fazenda, Marcos Mendes, foram convidados a ficar.

Nesta semana, o Comitê de Política Monetária (Copom) se reúne e deve manter a taxa Selic nos níveis atuais. Será a penúltima reunião do ano. A próxima ocorrerá entre 11 e 12 de dezembro.



Como será a lua-de-mel

O sucesso ou o fracasso do governo Bolsonaro será decidido na economia. São 13 milhões de desempregados, outros 15 milhões com trabalhos precários, R\$ 139 bilhões de déficit público, um sistema de previdência impagável, uma recuperação econômica lenta e um país sem investimentos privados. A agenda conservadora nos costumes e repressiva na segurança deverá dar a Bolsonaro altos índices de popularidade no início da gestão, mas será insustentável se o país não voltar a crescer. Os sinais, no entanto, são ruins.

Até o ano passado, Jair Bolsonaro era um deputado tão folclórico quanto Cabo Daciolo, tão antipetista quanto Alvaro Dias, tão imprevisível quanto Ciro Gomes e tão estatista quanto qualquer petista. O que o fez ser levado a sério foi a sua aproximação com criador de bancos, corretoras e escolas de negócios e PhD em Chicago, Paulo Guedes. Foi o aval de Paulo Guedes que deu a Bolsonaro o verniz liberal que permitiu ser aceito pelo mercado e levado a sério pelo establishment.

Lógico que esta é uma relação de interesse. Multimilionário, Guedes nunca escondeu a frustração por não ter sido chamado a salvar algum governo, qualquer governo. Um ano atrás se aproximou do apresentador Luciano Huck, mas ao compreender que ele não seria candidato se encaminhou para o capitão reformado. No início da campanha, o candidato cercou o economista de mimos ("não entendo de economia e por isso tenho o Paulo Guedes do meu lado, ele é o meu Posto Ipiranga", disse JB ao Jornal Nacional). No final da campanha, no entanto, Bolsonaro tem dado seguidos sinais de desprestígio de Paulo Guedes, como se tentasse enquadrar o auxiliar sob suas ordens. Dessa disputa vai depender o futuro do governo

O que vem por aí?

A expressão "estelionato eleitoral" foi cunhada por Delfim Netto para carimbar o descongelamento de preços do Plano Cruzado na semana das eleições de novembro de 1986. Dias depois de assegurar a maior vitória da história, o então presidente José Sarney não podia andar pelas ruas sem ser vaiado. Fernando Henrique Cardoso passou pelo mesmo ao omitir o fim do câmbio fixo nas eleições de 1998, o que adotou logo em seguida, e Dilma Rousseff começou a cair quando decretou um tarifaço nos serviços públicos depois de passar meses acusando a oposição de planejar fazer exatamente isso. O presidente eleito Jair Bolsonaro passou meses durante campanha falando que havia reconsiderado seu passado intervencionista, mas na última e mais reveladora entrevista que deu antes da eleição de domingo, ao repórter Fernando Rodrigues, Bolsonaro mostrou-se o velho Bolsonaro. Veja alguns trechos:

Nomeações

"Vou conversar com o Paulo Guedes e quem depois vai bater o martelo é o Onyx, que será o coordenador de tudo. O Paulo diz que tem bons nomes e nós temos de conversar, pois sempre pode aparecer alguém com ideias um pouco melhores."

Outras polêmicas:

CPMF

Em uma palestra para executivos do mercado financeiro, Paulo Guedes falou sobre um estudo de redução no imposto de renda com o rombo sendo coberto por um imposto sobre movimentações financeiras, similar à antiga CPMF. Foi desmentido pelo candidato, que o proibiu de dar "declarações polêmicas"

Ministérios

A campanha previa a incorporação do Ministério da Indústria e Comércio no novo Ministério da Economia e uma política agressiva de abertura comercial. Depois de receber a Confederação Nacional da Indústria, na semana passada, Bolsonaro disse que podia reconsiderar as posições. A união dos ministérios de Agricultura e Meio Ambiente também está sob revisão.

Privatização

Guedes sempre colocou a privatização com um dos eixos para atrair investimentos estrangeiros e reduzir o déficit público. Duas semanas atrás, Bolsonaro descartou vender o controle do "miolo da Petrobras", da Eletrobras, do Banco do Brasil e da Caixa Econômica. Em

Banco Central

"É independência política, para que nenhum político queira influir. Eu falei para o Paulo Guedes: temos de estabelecer metas para dólar, inflação. Aí, a taxa de juros. O presidente do Banco Central terá liberdade para decidir dentro de parâmetros. O controle da inflação não pode ser apenas taxa de juros. O Banco Central deverá ter inteligência. Por exemplo, de uma forma bem leiga: se um produto agrícola corre risco de faltar no mercado por alguma razão e isso pode representar uma alta da inflação. O comando do Banco Central terá de ter Inteligência de apontar esse risco – e não apenas ficar sentado e aumentando a taxa de juros se a inflação sobe. Terá de ter iniciativa."

termos práticos, isso significa que o pacote de privatização de Guedes fica menos ambicioso que o do governo Temer.

China

A fixação do presidente eleito com a China é um dos mistérios dessa campanha. "China não está comprando no Brasil, a China está comprando o Brasil", disse. Em fevereiro, sem informar a diplomacia brasileira ou chinesa, Bolsonaro visitou Taiwan, que ele reconhece como um Estado independente (algo refutado por Pequim). Na época, a embaixada chinesa em Brasília divulgou uma nota classificando a visita como uma "afrenta à soberania e à integridade territorial da China". A equipe de Guedes recebeu dezenas de investidores, acionistas de Vale, Bunge, Cargil, BRF e Friboi para minimizar a importância dos ataques do candidato, mas o próprio Bolsonaro nunca recuou.

A equipe de Bolsonaro

Estão confirmados cinco nomes para o novo ministério, sendo dois generais reformados, um deputado federal, uma subcelebridade e um economista com Phd da Universidade de Chicago. Ao longo da campanha, o capitão reformado reiteradas vezes prometeu reduzir o número de ministros de 29 para 15, mas agora com a decisão mais próxima tem enfrentado resistências. Os exportadores o alertaram da péssima imagem no Exterior que se formaria com o fim do Ministério do Meio Ambiente, velha promessa aos agricultores. A Confederação Nacional da Indústria fez chegar sua irritação com o fim do ministério da Indústria e Comércio. Assim está sendo com outras pastas, como a Segurança Pública e os Esportes. Diante das pressões, é quase impossível as promessas dos 15 ministérios serem mantidas.

Confirmados

Economia (Fazenda, Planejamento, Indústria e Comércio e Secretaria de Parcerias Público Privadas) - Paulo Guedes

Chefe da Casa Civil - deputado federal Onyx Lorenzoni (DEM-RS)

Defesa - General da reserva e ex-comandante das forças da ONU no Haiti

Augusto Heleno

Infraestrutura (Transportes Portos – general reformado Oswaldo Ferreira

Ciência e Tecnologia - Marcos Pontes, ex-astronauta

Probabilidades

Relações Exteriores - Ernesto Fraga Araújo, diretor do Departamento de Estados Unidos, Canadá e Assuntos Interamericanos do Itamaraty, ou Maria

Nazareth Farani de Azevêdo, chefe da missão do Brasil na ONU

Educação: general reformado Aléssio Souto ou o especialista em ensino a distância Stavros Xanthopoulos

Saúde: o favorito é o presidente do Hospital de Amor (antigo Hospital do Câncer de Barretos), Henrique Prata

Quem somos?

Profissionais reconhecidos pelo mercado com atuação relevante tanto na iniciativa privada quanto na esfera pública. Experiência aliada a resultados.

Equipe: Thomas Traumann, Fernando Thompson e Danilo Fariello

Fotos: Freepik



Fale conosco

Copyright © 2018 Traumann & Thompson, All rights reserved.

You are receiving this email because you opted in via our website.

Our mailing address is:

Traumann & Thompson

SQN 112, Bloco E

Ap 407

Brasília, DF 70762050

Brazil

[Add us to your address book](#)

Want to change how you receive these emails?

You can [update your preferences](#) or [unsubscribe from this list](#).

